

TRÊS BREVES HISTÓRIAS SOBRE MALBA TAHAN

THREE SHORT STORIES ABOUT MALBA TAHAN

*Moisés Gonçalves Siqueira Filho*¹

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES/CEUNES

moysessiqueira@uol.com.br

RESUMO

Considera as múltiplas identidades apresentadas por Júlio César de Mello e Souza, e admite uma delas como produto de um contexto histórico, situado, datado, do ponto de vista temporal, espacial. Apóia-se em uma vasta documentação para análise, reflexão e compreensão da constituição de Malba Tahan, um autor-personagem, uma mistificação literária, inventado para *surpreender o Brasil*, além de ser a maneira encontrada pelo professor-autor para se recriar, se reinventar no interior de suas práticas cotidianas.

Palavras-Chave: Malba Tahan, Mello e Souza, Educação Matemática, Livro Didático.

ABSTRACT

Considers the multiple identities presented by Julio César de Mello e Souza, and accepts them as a product of a historical context, situated, dated from the viewpoint of time, space. It is based on extensive documentation for analysis, reflection and understanding of the constitution of Malba Tahan, an author-character, a literary hoax, invented to surprise Brazil, besides being the way found the teacher-author to recreate, reinvent themselves within their daily practices.

Keywords: Malba Tahan, Mello e Souza, Mathematics Education, Textbooks.

INTRODUÇÃO

A trajetória das práticas cotidianas de Julio César de Mello e Souza, nascido na cidade do Rio de Janeiro em 6 de maio de 1895 e falecido em 18 de junho de 1974, revela-nos um sujeito múltiplo e fracionado. À essa capacidade, em existir como agente em diferentes campos sociais, agregam-se as de criar, inventar, criticar, polemizar e educar. As estratégias e táticas utilizadas em seu caminhar, ora transformaram alguns acontecimentos em oportunidades audaciosas, ora o colocaram em um lugar de poder, cujo intuito permeou a forja de seu personagem de maior destaque, Malba Tahan. Outras identidades, elaboradas ao longo de sua existência, tais como *Salomão IV*; *846*; *Capote*; *R. S. Slady*; *Breno Alencar Bianco*, oriundas de uma mesma matriz biológica, incorporaram, em determinados momentos, a autoria de alguns de seus feitos e tornaram-se atuantes nas atividades que desempenharam.

¹ Doutor em Educação – UNICAMP. Área de Concentração: Educação Matemática.

A partir de uma metodologia de investigação histórico-documental, de natureza biográfica, procurei compreender e escrever a história de um sujeito que viveu situações das mais diferentes possíveis; de um professor-autor-personagem que deixou marcas expressivas no imaginário da Educação Matemática e que, ao mesmo tempo, constituiu-se nas interações sociais com o outro, ou seja, nas relações de forças, de confronto, de dominação, de resistência.

Um longo caminho foi preciso percorrer para a obtenção de documentos que oportunizassem contar alguns episódios de sua trajetória e responder à questão: *Quais contexturas subsidiaram a constituição do autor-personagem Malba Tahan e quais contexturas foram por ele constituídas para sua manutenção?*

Sem a pretensão de fazer uma *biografia total*, como a que fez Le Goff (1999) em São Luiz, e por conceber uma biografia como uma escrita revestida de episódios, optei por escrever a de Malba Tahan a partir do que denominei de episódios biográficos cotidianos, considerando as várias posições simultâneas por ele ocupadas (Bourdieu, 1998; Gumbrecht, 1999).

Nesse texto, optei por destacar três momentos distintos de sua história, quais sejam: [1] o primeiro “ensaio” literário; [2] as parcerias nas produções didáticas; [3] a obra que lhe abriu as portas para sua inserção em um disputadíssimo mercado editorial².

[1] A CRIAÇÃO DO “JORNAL” *ERRE*: PRIMÓRDIOS DE UMA TENDÊNCIA

Nos primeiros anos do século XX, a produção de jornais por adolescentes e jovens parecia uma prática habitual, no interior das classes menos favorecidas. Em 1907, por exemplo, aos onze anos de idade, Mello e Souza lançou o primeiro número de um pequeno jornal, denominado *ERRE*³, supostamente em concorrência a dois outros

² Para um maior detalhamento sobre editores, editoras, contratos de edições, história do livro, ver tese de doutorado do autor, intitulada: **Ali Iezid Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan: episódios do nascimento e manutenção de um autor-personagem** defendida na Faculdade de Educação da UNICAMP. Disponível em www.unicamp.br/unicamp/servicos/bibliotecas.

³ Ano I (1907) - n. 01; n. 02; n. 04; n. 06; n. 07; n.11; n. 12; n. 13; n. 14 - redator - Salomão IV. Ano II (1908) - n. 15 - janeiro; n. 16 - fevereiro; n. 17 - março; n. 18 - abril; n. 19 - maio; n. 22 - agosto; n. 24 - outubro; n. 25 - novembro (Instituto Malba Tahan - IMT. Arquivo Pessoal. Jornal *ERRE*).

“jornais” semelhantes: o *Mez* e o *ABC*, de seus irmãos Rubens e Nelson. A periodicidade dos primeiros exemplares, de um total de vinte e cinco, acabou não sendo muito regular, mas, em 1908, provavelmente, o último ano de sua “circulação”, passou a ser, rigorosamente, mensal. Até o número treze, o menino Julinho assinava como “redator/editor”. A partir do número quatorze, o “jornal” passou a ter como redator *Salomão IV*, o qual promoveu mudanças significativas na linha editorial: além da periodicidade, passou, também, a ser *crítico [e] ilustrado*. Seria o início da opção de Mello e Souza pelo uso de pseudônimos.

Os vinte e cinco pequenos exemplares, de dimensões 9cm por 13cm, foram confeccionados em brochura e ilustrados com desenhos pintados com tinta guache e escrito à pena. O primeiro número contou dezesseis páginas; os demais, em média, dez. A redação tinha por endereço o Largo da Matriz, n. 2 em Queluz/São Paulo. Um número avulso poderia ser negociado por 100 réis.

Era um “jornal divertido e muito organizado, com uma linguagem característica de um garoto de 11 anos de idade e propunha historietas em capítulos trazendo na última página, apelos em favor de si mesmo, anúncios hilários, críticas desabonadoras aos “jornais” dos irmãos, pilhérias que se passavam por propagandas enganosas e alguns lembretes:

Não leiam outro jornal sem ser o “ERRE”; Não leiam o “mez”. O “mez” do Rubens de Mello e Souza é um jornal que não presta para nada. É um jornal imoral, é cheio de asneiras e bobagem. [...] É um jornal porco e que a gente não pode ler por causa da Lettra do redactor. O redactor do falado jornal não sabe escrever couzas boas, sabe escrever imoralidades. Manoel Augusto já tuberculoso dese[n]ganado ficou completamente curado só de ler o “ERRE”. O Rubens é um mengelha; O Nelson é um coiô de argolas. O novo “Erre” [:] Este jornal vae ser melhorado e aperfeiçoado. Em logar de annuncios elle vae trazer na última página uma espécie de pequeno índice; quando um conto um artigo tiver um S é obra do autor. Quando tiver um D é de diferentes. O “Erre” do n. 18 em diante trará bellíssimas photographias.

Contudo, muitos anos se passariam até a chegada de Malba Tahan, sua máquina de produção⁴. A rede de contatos que teceu para sua constituição e a permanência no mercado editorial por décadas, surgiu das diferentes parcerias, como também, do movimento de comercialização e divulgação dos diversos editores com os quais trabalhou.

[2] BUSCANDO PARCERIAS, DIVERSIFICANDO PRODUÇÕES

Entre os Srs. Professores, Júlio César de Mello e Souza, da Escola de Bellas Artes e do Instituto de Educação; D. Irene de Albuquerque, prof. Municipal, diplomada pela Escola de Educação da Universidade do Rio de Janeiro; sr. F. Acquarone⁵, prof. de Desenho, e a Empresa Editora A.B.C. Limitada, sociedade comercial, por quotas, estabelecida à Praça 15 de Novembro, 101, Sobº, todos residentes nesta Capital, ficou justo e contratado o seguinte...

Esse fragmento, extraído do “Contrato Particular de Edição”, assinado pelos autores, em 12 de abril de 1937, na cidade do Rio de Janeiro, para a publicação da 1ª edição do livro *Tudo é fácil*, destinado a crianças da terceira série primária, caracterizou o primeiro trabalho em parceria de Mello e Souza com Irene de Albuquerque.

Os dois autores escreveram outras obras em parceria. Em 1938, lançaram a 1ª edição do livro *Matemática Fácil e Atraente*⁶, pela Editora ABC; em 1951, a 1ª edição do livro *Diário de Lúcia*⁷, pela Editora Aurora. A Editora Getúlio Costa⁸ publicou a 4ª edição do livro *Tudo é Fácil*⁹ em 1941.

⁴ Expressão cunhada por Joaquim Inojosa em seu discurso de posse, em 15 de maio de 1975, da cadeira nº 8, vagada por Malba Tahan na Academia Carioca de Letras, intitulado Malba Tahan: o mercador de esperança (Inojosa, 1975).

⁵ F. Acquarone foi responsável pela ilustração do livro *Tudo é Fácil* e de vários outros livros de Mello e Souza, por exemplo, a capa da 16ª edição do livro *Lendas do Céu e da Terra*, lançado pela Editora Conquista em 1964. Escreveu, sozinho, *História da Música Brasileira*, em 1948; *Mestres do Brasil*, em 1949 e *O Bebê que Deus me deu*, em 1951 (Universidade Federal Fluminense – UFF.LHIED. Catálogos da Livraria Francisco Alves).

⁶ Não há registros de outras edições deste livro.

⁷ Apesar de ter encontrado registro de publicação da obra em 1952 [Editora Aurora], não obtive informação sobre sua edição. Em 1955 já aparece em sua 10ª edição, pela mesma editora.

⁸ Segundo Hallewell (2005, p. 355) Getúlio M. Costa, um dos fundadores da Civilização Brasileira, após sua venda, *retornou à atividade editorial em 1939, sozinho e usando seu próprio nome na razão social*, entretanto, encontrei registros de sua atuação em 1933 e 1935. No primeiro, publicou as obras didáticas *Estudo Elementar das Curvas e Funções Moduladas*, de Mello e Souza; e no segundo, *Maktub* de Malba Tahan.

⁹ A 10ª edição saiu em 1951; a 11ª em 1952 e a 13ª em 1955 - na edição de 1959 aparece na folha de rosto, 13ª edição mas na capa, 14ª – todas pela Editora Aurora.

A prática de Mello e Souza, em trabalhar com outros autores, no entanto, não foi iniciada com Irene de Albuquerque. Em meio ao amplo movimento de reformulação da educação, promulgado por educadores como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, entre outros, e cristalizado na primeira grande reforma do ensino feita por Francisco Campos, em 1931, a Livraria Francisco Alves, sob o comando de Paulo de Azevedo, diante de um mercado em expansão e altamente rentável, publicou as obras *Matemática; Exercícios de Matemática* [ambas em parceria com Cecil Thiré], *Curso de Matemática, Exercícios de Matemática; Matemática Ginásial*¹⁰ [todas em parceria com Cecil Thiré e Euclides Roxo], *Matemática Comercial; Exercícios de Matemática Comercial* [ambas em parceria com Cecil Thiré e Nicanor Lemgruber], as quais, se inseriam nos contextos educacionais vigentes.

A partir de 1933, Euclides Roxo, diretor do Colégio Pedro II, à época; membro do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação (ABE) e membro da comissão de reforma do ensino, associou-se a Mello e Souza e Cecil Thiré.

A fusão dos livros *Matemática – Álgebra 3º ano* de 1932, de Mello e Souza e Cecil Thiré e *Curso de Matemática - II - Geometria* de 1931, de Euclides Roxo, originou o livro *Curso de Matemática 3º ano* e inaugurou a parceria entre os três autores, firmada por meio de um contrato, constituído de vinte e três cláusulas, sendo, em duas delas, acordado que:

II. Os livros Curso de Mathematica 3ª série de ER e Mathematica 3º anno de CT e JC serão fundidos em um volume único que receberá o nome Mathematica Elementar 3º anno publicado sob responsabilidade e com nome dos 3 contractantes.

[...]

V. [...] Terão o mesmo formato dos actuaes livros de Mathematica de CT e JC mas o aspecto da capa será differente, adoptando-se outro typo de letra e outro *ex-libris* e supprimindo-se a figura do Archimedes¹¹. Os livros de exercícios continuarão

¹⁰ Essa coleção atenderia as orientações da Reforma Capanema.

¹¹ A figura de Arquimedes que aparece na capa dos livros de Mello e Souza e Cecil Thiré é um desenho do Prof. Carlos Chambelland e as letras do arquiteto Moacyr Fraga.

com o mesmo formato mas também com outro tipo de letra (Pontifícia Universidade Católica. Arquivo Pessoal Euclides Roxo - APER. Minuta de Contrato... – ER. T.1.006, n.d).

Roxo, Thiré e Mello e Souza mantiveram a tripla parceria e escreveram, em 1943, uma nova coleção intitulada *Matemática Ginásial*; destinada às quatro séries do primeiro ciclo do ensino secundário, conhecido por Curso Ginásial, em atendimento às novas orientações educacionais estipuladas pela Reforma Capanema¹², as quais perdurariam de 1942 a 1961.

Em carta-contratual, a Editora Conquista estabeleceu as condições de publicação do livro *Matemática Para Você*, em quatro volumes, um para cada série ginásial, escrito em parceria com Lauro Pastor Almeida¹³ (Instituto Malba Tahan - IMT. Arquivo Pessoal. Conquista. Contrato do livro *Matemática para Você*, 1950).

Apesar dos vestígios de que este livro tenha sido publicado - está listado nas contracapas dos livros *Matemática Divertida e Delirante* [1962]¹⁴; *O Problema das Definições em Matemática* [1965]; *Didática da Matemática* [1º volume - 1961; 2º volume - 1962] como uma das obras do Prof. Mello e Souza, sem, contudo, acusar a parceria – não localizei fontes que me fornecessem algum tipo de registro sobre ele, embora o referido contrato exista, mas apenas Lauro Pastor Almeida dá o “de acordo”.

Mello e Souza publicou, individualmente, os livros didáticos: *Funções Hiperbólicas* (Francisco Alves, 1930); *Geometria Analítica: no espaço de duas dimensões* (Francisco Alves, 1ª parte - 1931; 2ª parte - 2ª ed., 1940); *Trigonometria Hiperbólica* (Francisco Alves, 1932); *Estudo Elementar das Curvas* (Getúlio Costa, 1933); *Funções Moduladas*

¹² Gustavo Capanema, mineiro de Pitangui, ocupou o Ministério da Educação e Saúde de 1934 a 1945 e em 09 de abril de 1942 promulgou a Lei Orgânica do Ensino Secundário - conhecida por Reforma Capanema - por meio do Decreto-Lei nº 4244. Em seu Capítulo II – Dos Ciclos e dos Cursos – prevê que: Art. 2º - O ensino secundário será ministrado em dois ciclos. O primeiro compreenderá um só curso: o curso ginásial. O segundo compreenderá dois cursos paralelos: o curso clássico e o curso científico. Art. 3º - O curso ginásial, que terá a duração de quatro anos, destinar-se-á a dar aos adolescentes os elementos fundamentais do ensino secundário (Aguilar, 197, p. 281).

¹³ Bacharel e licenciado em Matemática, professor do Colégio Pedro II (Tahan, 1946, p. 39). Participou em 1948 do concurso para professor catedrático do Colégio Pedro II com a Tese intitulada *Divisão Harmônica* [Colégio Pedro II. Livro de registros de Actas de Concurso: setembro/1925 a fevereiro/1975 – livro 5]

¹⁴ Na edição de 1965 não consta esta informação.

(Getúlio Costa, 1933); *Alegria de Ler* (Getúlio Costa, 1939 – Curso Admissão); *Geometria Analítica: no espaço de três dimensões* (Getúlio Costa, 2ª parte - 2ª ed., 1940); *Meu Caderno de Matemática* (Getúlio Costa, 1945 – Curso Admissão), *Tábuas Completas: logaritmos e formulários* (Getúlio Costa, 1945); *Matemática, Aritmética* (Conquista, 1950 – Curso Admissão).

Os livros *Alegria de Ler* e *Tábuas Completas: logaritmos e formulários* chegaram, respectivamente, às 20ª e 7ª edições em 1961. Isso revela que os trabalhos tiveram uma boa aceitação no mercado, então, por que Mello e Souza não continuou publicando sozinho? As parcerias ajudariam no desenvolvimento de um saber matemático mais específico, mais aprofundado e que, talvez, ele não o tivesse? Elas dariam maior respeitabilidade ao trabalho apresentado, em virtude do prestígio que tinham no Colégio Pedro II? Ou teria sido, tão somente, uma estratégia editorial?

Mello e Souza e suas parcerias, por meio de suas produções, inserir-se-iam em um contexto histórico de transformação e carregariam os valores de um discurso eminentemente político, balizados, sobretudo, pelos princípios das reformas educacionais modernizadoras. As subseqüentes edições destas produções didáticas sinalizam o ir e vir do antigo e do moderno, reforçando, dessa forma, os avanços e retrocessos característicos da modernidade capitalista, no sentido do controle, no sentido do consumo, no sentido da concorrência.

[3] *CONTOS DE MALBA TAHAN: A PRIMEIRA OBRA*

Por um período de oito anos, os leitores brasileiros criam existir dois autores com diferentes estilos de escrita, cujas obras publicadas entre 1925 e 1933 se separavam em obras de autoria de Malba Tahan e em obras de autoria de Mello e Souza. Apesar disso, “ambos” os autores foram publicados exclusivamente por editoras cariocas. Malba Tahan nesse início de carreira, transitou por oito editoras – Braslux, Francisco Alves, A Encadernadora, Livraria Azevedo, F. Briguiet, Freitas Bastos, Calvino Filho, Civilização Brasileira - e Mello e Souza, por apenas duas – Francisco Alves e Getúlio Costa.

A principal característica do mercado editorial, até a década de 1920, era o consumo de livros importados e de livros brasileiros impressos fora do país. Desse modo, qualquer escritor brasileiro que quisesse ver impressa uma obra sua, deveria encomendá-la

diretamente aos impressores, por sua conta própria, e depois incumbir-se da distribuição (Hallewell, 2005). Os passos iniciais de Mello e Souza não fugiram aos costumes da época. Findada a preparação a que se propusera acerca dos costumes árabes, procurou o jornalista Irineu Marinho, diretor do *A Noite, o jornal mais lido do Brasil*, como ele mesmo afirmara, com o intuito de publicar seus contos.

A atitude tomada por Mello e Souza em procurar o jornalista Irineu Marinho para que ele tomasse conhecimento de seu trabalho, evidencia o jornal como uma iminente via de contato com inúmeros leitores para que suas intenções - *surpreender o Brasil com uma mistificação literária; inventar um escritor árabe e publicar contos orientais educativos* - se consolidassem.

Com a ajuda da sogra, publicou seu primeiro trabalho em forma de livro, pela Editora BrasLux – *Contos de Malba Tahan*. Uma coletânea de vinte e três títulos, cuja autoria da obra fora emprestada ao personagem título e por se tratar de trabalho “estrangeiro”, coube a Júlio César de Mello e Souza a tradução para o português dessa primeira edição, enquanto que a da segunda, publicada em 1929, pela A Encadernadora, a Breno Alencar Bianco¹⁵. As obras traduzidas, se de boa vendagem, eram bastante valorizadas pelos editores e como eram produtos que faziam parte da cultura da época, também o eram pela maioria dos intelectuais (Koshiyama, 2006).

O livro *Contos de Malba Tahan* denota o resultado da longa aprendizagem adquirida acerca da cultura árabe, como também, a inserção de Mello e Souza no mercado editorial. A proposta, nele contida, foi bem sucedida, pois, em consignação com a Livraria Lealdade, de um total de 863 exemplares, foram vendidos 548. Em dezembro de 1925¹⁶ contavam-se 47 volumes e em janeiro de 1926, 816, ou seja, um percentual majoritário bastante expressivo (Instituto Malba Tahan - IMT. Arquivo Pessoal. Recibo de consignação..., 1926).

Pela venda de 1200 exemplares da 1ª edição deste livro recebeu da Livraria Francisco Alves 2:400\$000 (dois contos e quatrocentos mil réis) (Universidade Federal

¹⁵ Breno Alencar Bianco [...] é um outro pseudônimo do autor. Foi escolhido em homenagem ao General. Heitor Bianco de Almeida Pedrosa, dedicado amigo de Malba Tahan, falecido em 1964(?). As iniciais BAB, em persa, significam “porta” (Instituto Malba Tahan - IMT. Arquivo Pessoal. Documento sobre a vida e obra de Mala Tahan, n.d).

¹⁶ “Este livro acabou de imprimir-se aos 18 de novembro de 1925, nas oficinas da Editora Brasileira Lux. Av. Gomes Freira, 101 – Rio de Janeiro”.

Fluminense -UFF/LHIED. Atas da Editora Francisco Alves)¹⁷. Da 2ª edição foram vendidos trinta mil exemplares, e nela ocorreu o aparecimento do conto que daria origem à sua mais conhecida obra: *O Homem que Calculava* (Oliveira, 2001).

Entre uma edição e outra, d'os *Contos de Malba Tahan*, a obra foi inscrita no concurso de *Contos e Novellas* da Academia Brasileira de Letras - ABL, em 1927, para concorrer em uma das categorias – trabalho de criação própria [original]; de adaptação; ou de simples tradução (Arquivo Pessoal – IMT. Correspondência da ABL..., 1927). Entretanto, a ABL o condecorou com o prêmio de menção honrosa pelos trabalhos *Ceo de Allah*, em 1930 (Instituto Malba Tahan - IMT. Arquivo Pessoal. Menção Honrosa..., 1930) e, *O Homem que Calculava*, em 1939 (Faria, 2004).

CONCLUSÃO

A experiência de Mello e Souza com a escrita e a edição de textos, com a intenção de manifestar suas posições polêmicas e críticas, já era percebida em tempos de infância. O extenso panorama de suas obras vislumbra prestígio, notoriedade e respeito. Contudo possuidor de um estilo irrequieto, irreverente e provocador, nem sempre agradou a todos. Talvez, inventar Malba Tahan tenha sido a “válvula de escape” das exigências do mundo moderno e capitalista. Para se aguentar nas intempéries de um dia, o contista o fazia viajar por lugares nunca antes visitado, apenas imaginado. Ele representaria o esforço necessário de todas as noites para conseguir manter a morte fora do ciclo da existência, assim como fez Shehrazade, que narrava, desesperadamente, até o amanhecer do dia para afastar a morte que a rondava.

Para apropriar-se dos discursos permitidos, inseridos nos contextos dessa modernidade, acompanhou as modificações dos saberes ditados por reformas educacionais ou emergenciais e a elas adaptou as suas obras e a sua prática, seja para interferir na formação de novas gerações, e com isso difundir métodos de ensino “moderno”, seja para divulgar uma Matemática recreativa por meio das obras não didáticas.

Procurou estabelecer um diálogo harmônico, unidimensional, sem tensões, entre a Matemática e outras áreas do conhecimento, inclusive com a história, entretanto, uma

¹⁷ Importante observar que a Editora Francisco Alves não publicou a 1ª edição do livro *Contos de Malba Tahan*, e sim distribuiu os referidos exemplares (A. Bragança, comunicação pessoal, julho, 2007).

história que privilegiava os fatos da História da Matemática, as biografias de grandes vultos e a vaga idéia da produção do conhecimento matemático; em outras palavras, uma história factual, personalista e etapista.

A rede de contatos que tecera, para sua constituição e permanência no mercado editorial por décadas, advém do movimento de comercialização e divulgação de seus diversos editores com os quais trabalhou, como também, das estratégias e táticas utilizadas, no interior das práticas culturais, compreendidas à luz de um olhar movediço, dialético, da história de um sujeito contestador, crítico, atropelador e, talvez, fragilizado pelas conseqüências de algumas atitudes que tomara. Le Goff (1999, p. 26), apoiado em Bourdieu, afirma que *o indivíduo não existe a não ser numa rede de relações sociais diversificadas, e essa diversidade lhe permite também desenvolver seu jogo.*

Talvez, não tenha sido à toa, a escolha feita por Mello e Souza para seu deleite e deleite de seus leitores, ou seja, as histórias árabes. Os contos o manteria vivo, enquanto narrasse e, com isso, haveria a possibilidade do controle daquilo que quisesse imortalizar, haveria a tentativa de conduzir o destino que lhe aprouvesse, haveria a permissão de se governar. *A gente morre é para provar que viveu, [mas] as pessoas não morrem, ficam encantadas* (Guimarães Rosa).

Malba Tahan representa umas das rupturas, um dos abalos do professor-autor Júlio César de Mello e Souza na tentativa de se recriar, de se reinventar, de se ressignificar no cerne de suas práticas cotidianas.

REFERÊNCIAS

Aguiar, J. M. (1997). *Coletânea da legislação federal do ensino*. Belo Horizonte: Lâncer.

Bourdieu, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORG). *Usos e abusos da História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro : Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Colégio Pedro II. Núcleo de Documentação e Memória - NUDOM. (setembro/1925 a fevereiro/1975). *Livro de Registros de Actas de Concurso*, livro 5.

Faria, J. C. (2004). *A prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan: um olhar a partir da concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda*. Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926: vivendo no limite do tempo*. Rio de Janeiro : Record, 1999.

Hallewell, L. (2005). *O livro no Brasil: sua história*. (Ed. rev.). São Paulo: Edusp, 2aed.

Inojosa, J. (1975). *Malba Tahn, o mercador de esperança*. Rio de Janeiro: Academia Carioca de Letras.

Instituto Malba Tahan - IMT. Arquivo Pessoal. (1907-1908). *Jornal ERRE*.

Instituto Malba Tahan - IMT. Arquivo Pessoal. (1937). *Contrato Particular de Edição entre Mello e Souza, Irene de Albuquerque, F. Acquarone e a Editora ABC*.

Instituto Malba Tahan - IMT. Arquivo Pessoal. (1950). CONQUISTA. *Contrato para edição do livro Matemática para Você*.

Instituto Malba Tahan - IMT. Arquivo Pessoal. (n.d.). *Documento sobre vide e obra de Malba Tahan*. Elaborado por MESENTIER, Humberto.

Instituto Malba Tahan - IMT. Arquivo Pessoal. (1926). *Recibo de consignação da Livraria Lealdade*. São Paulo

Instituto Malba Tahan - IMT. Arquivo Pessoal. (1927). *Correspondência da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro.

Instituto Malba Tahan - IMT. Arquivo Pessoal. (1930). *Menção Honrosa da Academia Brasileira de Letras para o livro Céu de Alá*.

Koshiyama, A. M. (2006). *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: Edusp : Com-Arte.

Le Goff, Jacques. *São Luis*. Rio de Janeiro ; Record, 1999.

Museu da Imagem e do Som - MIS. (1973). *Depoimento de Malba Tahan*. Rio de Janeiro, Audição em 04 de julho de 2007.

Oliveira, C. (2001). *Do menino “Julinho” a Malba Tahan: uma viagem pelo oásis do ensino da Matemática*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, São Paulo, Brasil.

Pontifícia Universidade Católica - Arquivo Pessoal Euclides Roxo - APER. Er.T.1.006. (n.d.). *Minuta de contrato para a publicação da Coleção Curso de Matemática da autoria de Roxo, Thiré e Mello e Souza*.

Sodré, N. W. (1999). *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad.

Universidade Federal Fluminense. (n.d.). Núcleo de Pesquisa sobre o Livro e a História Editorial no Brasil - LHIED –. *Catálogos da Livraria Francisco Alves*.

Universidade Federal Fluminense. (n.d.). *Livro de Atas da Editora Francisco Alves*.